
Mulheres na agroecologia: Explorando o potencial do Photovoice como ferramenta de empoderamento e comunicação.¹

Marcela SILVA²

Lara GUIMARÃES³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

O seguinte artigo consiste em aprofundar a compreensão sobre a apreensão do Outro pelo campo jornalístico e da comunicação, a partir de reflexões sobre a Antropologia, sua especificidade e o trabalho de campo. Acolhendo as narrativas como lugar da produção de conhecimento, trazendo à tona a problemática da representação. Entendendo que há outras formas de “traduzir” mundos sem reduzir as diferenças, e ao escolher a estratégia de deixar o Outro “dizer”, optamos por uma pesquisa participativa. Após uma reflexão teórica em torno da aplicabilidade e usos da fotografia participativa, debatemos o método Photovoice, contextualizando a importância da imagem fotográfica enquanto ferramenta metodológica em pesquisas sociais e colaborativas.

Palavras-chave

Alteridade, Fotografia, Agricultura Familiar, Mulheres.

TEXTO DO TRABALHO

O propósito desta pesquisa consiste em abordar temáticas pouco exploradas pelo jornalismo hegemônico, tais como mulheres, meio rural e agricultura familiar, com especial ênfase na produção de um produto comunicativo que consiga alcançar não apenas um público mais amplo, mas, principalmente, direcionar-se a essas mulheres. Nesse sentido, formula-se a questão central da pesquisa, parafraseando Dionízio (2013, p. 06): "Ao falar sobre o outro, o jornalismo consegue também falar com esse outro?".

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ07 – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFOP, email: marcela.mudadu@aluno.ufop.edu.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFOP, email: lara.guimaraes@ufop.edu.br

Com o intuito de alcançar esse objetivo, adotou-se uma metodologia de estudo etnográfico, alicerçada na comunidade feminina e rural de Araponga-MG. Essa pequena localidade, situada na Zona da Mata Mineira, cuja principal fonte de renda é a agricultura, notadamente a produção de café. Araponga apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,536, classificando-se como o segundo mais baixo do estado de Minas Gerais, segundo dados do IBGE.

A partir do entendimento do contexto de estudo, emergem questionamentos relevantes: qual é a vivência dessas mulheres? Quais são as percepções delas acerca do mundo em que estão inseridas e como elas percebem (ou se percebem) a ausência de investimentos nas políticas públicas do município de Araponga, sobretudo na esfera rural? E, sobretudo, como podemos estabelecer uma comunicação autêntica que não apenas atinja o público leitor/espectador/observador, mas também proporcione ao próprio sujeito, o qual chamaremos de o Outro, a oportunidade de narrar sua própria história. Em vez de uma comunicação meramente sobre o Outro ou que simplesmente dê voz a este sujeito, buscamos uma abordagem que permita uma verdadeira interação com este Outro.

Referencial teórico

Com intuito de responder a principal questão acerca da nossa pesquisa, precisamos primeiramente compreender alguns conceitos e expressões e dialogá-los com certos autores.

No primeiro entendimento, na ótica de Fernando Resende (2009), o conceito de narrar não poderia limitar-se apenas à expressão da oralidade, mas de forma conjunta encontra-se presente em formas diversas de expressão, “[...] através dos meios, pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo” (RESENDE, 2009, p.34). Entendendo, dessa forma, que reportagens, notícias, fotografias e outras formas de comunicação, também, de alguma maneira, recontam e criam sentidos e, portanto, narram as experiências do homem no mundo, desta forma, é importante observar, localizar e alcançar tais narrativas com o intuito de produzir uma visão e interpretação do "Outro" mais próxima, real e humana possível, conseguindo assim atingir, também, este de quem falamos.

A alteridade é outro conceito importante, isto é, uma forma de compreender e explicar o "Outro", estabelecendo distâncias para marcar seu lugar e, ao mesmo tempo, evidenciando sua própria identidade, “Ao pensar o processo de escritura do outro, percebemos que o espaço do texto é, ele próprio, lugar primordial da fabricação da alteridade” (DIONÍZIO, 2013, p.6). Entendemos alteridade como o reconhecimento da individualidade e das especificidades do “Outro” ou de um outro grupo. Como citado por Dionizio (2013), na medida em que estabeleço distâncias para marcar o lugar do “Outro”, sou capaz de evidenciar meu próprio estar no mundo, e esses procedimentos permitiriam aceder e enunciar o significado de outrem.

Compreendendo estes conceitos, tanto da narrativa jornalística quanto a representação da alteridade, Cláudia Lago (2003) afirma que: “o Jornalismo exerce um papel determinante na construção e ampliação da democracia e da cidadania e que sua responsabilidade social, lugar comum dentro dos valores do campo” . Contudo, é necessário que o jornalismo adote uma abordagem mais inclusiva, incorporando a perspectiva do "Outro" em suas narrativas. Nesse sentido, a antropologia poderia fornecer ferramentas para que o jornalismo compreendesse e representasse o "Outro" de maneira mais autêntica, já que ambas as disciplinas trabalham com a representação do "Outro".

Ambos utilizam, para isso, de informantes (no caso de um) e fontes (no caso de outro), que, por sua vez, são identificados como aqueles que podem fornecer informações confiáveis sobre o observado. A Antropologia apegase profundamente à observação, mas também ao discurso; o Jornalismo constrói suas narrativas tomando como base principalmente o discurso tecido pelos envolvidos, mas também observa. Ambos interferem nas relações que retratam, mas enquanto a Antropologia atualmente identifica como fator determinante de seu trabalho a subjetividade oriunda das relações do confronto/encontro, o Jornalismo apegase à noção de que há uma objetividade possível no relacionamento com suas fontes. (LAGO, 2010, p.173)

Como aponta Lago, tanto a antropologia quanto o jornalismo colocam a possibilidade de construir narrativas sobre a alteridade, que supõem verdadeiras, no sentido de apontar para correspondências entre a vida como realmente é e a vida retratada por essas narrativas. Porém, para Lago (2010), a antropologia tem muito a nos ensinar em termos de percepção do Outro. Não tanto por ter e ser o foco no estudo de gestão da alteridade enquanto construção científico-social, mas “por ter sedimentado em

seu campo uma antiga, extensa e profunda reflexão sobre as limitações quando o que está em jogo é o confronto entre diferentes.” (LAGO, 2010, p.169).

Em contrapartida, é necessário compreender que "Não há possível isolamento, homem e mundo são partes do todo" (RESENDE, 2009, p.39), podemos apreciar que o jornalista está intrinsecamente envolvido no momento; ele não é um ente isolado, mas sim um elemento inerente à narrativa, e tal compreensão requer sua consciência. De fato, a aspiração predominante é a de estar presente sem perturbar a realidade das fontes, viabilizando a transmissão do que é comumente reconhecido como a verdade dos acontecimentos, situando-os como "observadores da cena".

Assim, torna-se necessária, então, uma observação participante, “[...] desenvolvidas pelas ciências sociais, e sobretudo pela antropologia, poderoso recurso para a melhoria dos processos de captação dos jornalistas” (LIMA, 2009, p.93). Esse método se apresenta como o cerne da coleta de informações, uma vez que a presença de um indivíduo externo ao grupo inevitavelmente impacta a rotina das personagens envolvidas.

Nesse contexto, considerando o nosso produto, o método do Photovoice se mostra uma via adequada, desde que seja executado de maneira diligente e próxima ao concebível, mantendo um respeito pela alteridade e estabelecendo uma comunicação efetiva com o "Outro", enquanto o representa.

Metodologia

Pensando em uma metodologia eficaz e que conseguisse fazer a vinculação entre o produto, o eu e o Outro, optou-se pelo emprego do método do Photovoice como um norte para a pesquisa. Uma vez que, “neste método, a fotografia é o instrumento para representação de perspectivas daqueles que levam uma vida diferente dos meios que tradicionalmente possuem o controle das imagens do mundo” (WANG, 2006, p. 154).

O Photovoice é uma proposta metodológica desenvolvida na década de 1990 pelas pesquisadoras Caroline Wang e Mary Ann Burris. Foi criada com base na promoção da saúde pública, desenvolvimento comunitário e educação, tendo como referência a educação crítica e dialógica do educador brasileiro Paulo Freire; a Teoria Feminista; bem como da fotografia documental. Esse método integra a participação

comunitária, a fotografia e o diálogo crítico, com o intuito de permitir que os participantes documentem e reflitam sobre suas comunidades e experiências de vida.

Desta forma, o método Photovoice poderia conseguir de forma mais direta ser uma resposta para nossa questão central. Ao construir um espaço legítimo para o Outro se expressar e “falar”, nós conseguimos incluí-lo dentro do processo de tradução das múltiplas visões de mundo, permitindo que possamos entender a forma de interpretação do Outro e sua forma de ver.

No caso da presente pesquisa, foi realizado o acolhimento de um grupo composto por quatro mulheres, cujas ocupações são agricultoras e filhas de agricultores, residentes em Araponga, Minas Gerais. No primeiro encontro, ocorreu uma exposição do projeto juntamente com uma oficina de fotografia. Durante esta atividade, foi ministrada uma aula expositiva com um formato de roda de conversa acerca dos conhecimentos fundamentais relacionados às técnicas fotográficas, composição de imagens, narrativa visual e o conceito de Photovoice. Foram introduzidos aos participantes alguns conceitos essenciais da composição fotográfica. Além disso, durante a roda de conversa as participantes se sentiram livres de compartilhar suas experiências, insights e reflexões sobre a produção de imagens que já haviam feito, percebendo que já seguiam algumas das regras de composição muitas vezes pela própria intuição.

Neste mesmo encontro, foram apresentados aos participantes quatro temas a serem explorados e fotografados com o próprio celular: 1) "Auto Retrato", que visava abordar a individualidade e a posição do eu no mundo. 2) "Uma coisa que você gosta", com o intuito de incentivar a expressão pessoal e a liberdade de escolha de objetos, pessoas, paisagens e momentos significativos. 3) "Uma coisa que você gostaria que mudasse na sua comunidade", buscava promover uma reflexão crítica em relação à vida e ao local em questão. Por fim, 4) "Uma foto que representa a economia local", com foco no café, uma vez que Araponga é conhecida por essa atividade econômica.

No segundo encontro, realizado de forma remota através de um grupo no aplicativo WhatsApp, foi conduzida uma discussão em torno das imagens capturadas pelas participantes, abordando aspectos centrais do método do Photovoice. Foram levantadas questões como: "O que você vê aqui? O que realmente está acontecendo

nesta imagem? Como isso se relaciona com nossas vidas? Por que essa situação existe? O que podemos fazer a respeito?" (WANG, 1999 apud MEIRINHO 2017 p.273).

A partir dessas discussões, foi realizado o processo de legenda das fotografias, proporcionando uma oportunidade de reflexão e troca de ideias, com o objetivo de capturar e transmitir da melhor forma possível as mensagens e os significados contidos nas imagens. Após este momento de seleção e discussão foi proposto a divulgação das imagens em uma exposição, e algumas questões foram postas: onde divulgar? Quem são as pessoas que queremos alcançar com as fotografias?

A opção mais adequada e que foi ao agrado das participantes foi realizar a exposição das fotografias a partir da “ocupação” da Praça Manoel Romualdo de Lima, a praça central da cidade, tendo como público alvo a comunidade de Araponga e os órgãos públicos da cidade, como a prefeitura. A exposição permanente recebeu o título: "A Jornada Através das Lentes: O Olhar das Mulheres de Araponga". As fotografias foram acompanhadas pelos nomes das fotógrafas e legendas por elas escolhidas. Além disso, certas partes incluíram subtítulos, como as imagens de café intituladas "As Fases de Araponga". Outra influência crucial para o nosso trabalho foi o poema "Diante das Fotos de Evandro Teixeira", de Carlos Drummond de Andrade (1985). Fragmentos desse poema foram incorporados para enriquecer a exposição.

No total foram 17 fotografias expostas, porém para exemplificarmos, selecionamos uma de cada segmento para este artigo. Quanto à disposição das fotos, seguimos a seguinte narrativa proposta:



Foto: Tayná Damasceno

“As estradas que nos levam. O meu amor por viagens”

As duas primeiras fotos que abriam a exposição retratavam exatamente o contexto e ideia da jornada de forma literal, Tayná Damasceno (26 anos) e Janaína Neves (25 anos) trouxeram imagens de viagens que fizeram, a primeira uma imagem da estrada, retratando seu amor por viagens, a segunda a paisagem noturna de uma cidade histórica, da qual como retratou em sua legenda - três coisas que gosto: o momento, o lugar e a paisagem -, optamos por essa fotografia para que chamasse para a continuação das seguintes imagens tematizadas por algo que elas gostassem e apreciassem.



Foto: Deborah Ribas

“Gosto de criar imagens através do meu olhar fotográfico. Principalmente em momentos do nascer do sol e do pôr do sol”

As fotografias deste segmento foram focadas em paisagens tiradas pelas participantes, registrando o pôr do sol, lagos, montanhas, a igreja da cidade e campos de café. Interessante notar que todas as fotos utilizaram técnicas fotográficas apontadas por elas na hora de apresentar as imagens para o grupo, sendo o contraste e a profundidade de campo as mais observadas. A última foto deste segmento abarcava as próximas fotografias: “Caminhos de casa” caminhou nosso olhar para “As fases de Araponga”, onde foi retratado as fases do café:



Foto: Bruna Rocha

“Sobre a economia do café: Aqui está uma das imagens que mais vemos nesta época de ‘panha’, o processo de secagem do café”

As imagens foram dispostas de forma a acompanhar as fases do café, principal fonte econômica da cidade. Foi interessante receber das mulheres e montar a composição dessas imagens na exposição, uma vez que elas realmente seguiam uma cronologia do café, do broto, passando à flor até o café servido à mesa.

Seguindo nossa trajetória pelos pontos de vista dessas mulheres, partimos para a parte da denúncia, aquele momento de que “nem tudo são flores”. Introduzimos a seção com outra estrofe do poema de Carlos Drummond de Andrade (1985):

*Fotografia: arma de amor,
de justiça e conhecimento,
pelas sete partes do mundo,
viajas, surpreendes, testemunhas
a tormentosa vida do homem
e a esperança de brotar das cinzas.*



Foto: Bruna Rocha

“Uma coisa que eu gostaria que mudasse é a questão dos cachorros abandonados na rua. Seria muito útil se aqui tivesse um canil para acolher os cães das ruas. Seria uma boa ação com os animais e mais segurança nas ruas, pois como eles ficam soltos na rua corre um grande risco de acidentes”

Abordando questões como a dengue, os animais abandonados e o descarte inadequado de embalagens de agrotóxicos nas lavouras, percebemos que as imagens adquirem um poder expressivo e uma busca por mudanças. As fotografias são apresentadas como uma "arma de justiça" e uma forma de "testemunhar a tormentosa vida do homem", como enfatizado no poema de Drummond. Assumindo um papel similar ao fotodocumentário, testemunhando as adversidades que demonstram um descaso do poder público com a realidade da comunidade.

Por fim, foram selecionadas duas fotografias que mostram o ciclo da vida, um início e uma despedida:



Foto: Deborah Ribas

“Meninos do interior”



Foto: Deborah Ribas

“Encontros e despedidas”

Essas duas imagens marcam o desfecho da nossa jornada, visando representar duas etapas marcantes da existência humana. Na primeira, Deborah capturou a cena de seus sobrinhos. Nela, duas crianças radiantes emergem, imbuídas de vitalidade e brilho nos olhos. A foto exala uma sensação de leveza e serenidade, transmitindo a essência da

infância, inocência e alegria. Já na segunda imagem, focada em indivíduos chegando à igreja central da cidade para um velório, testemunhamos dois homens cumprimentando-se e uma caravana de veículos, cuja disposição direciona nossa atenção. Essa representação oferece um vislumbre de outra fase da vida, ou da morte, centrada na despedida.

Nesta exposição contamos com o apoio da Secretaria de Cultura de Araponga, na qual propôs que os alunos do 4º ano do fundamental I até o 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Cônego José Ermelindo De Souza visitassem o local durante o horário das aulas.

Para enriquecer a exposição, desenvolvemos uma atividade interativa para envolver crianças e adolescentes. Após explorarem as imagens e receberem insights sobre o projeto e a importância da fotografia, os convidamos a interagir com os elementos visuais. Pedimos que escrevessem ou desenhassem em post-its suas impressões sobre Araponga, seja algo que apreciassem ou desejaríamos ver mudado na cidade. Esses comentários poderiam estar relacionados às imagens expostas ou poderiam ser simples reflexões sobre a mostra.

Essa dinâmica revelou-se crucial para a pesquisa, pois ao apresentar o projeto visual das mulheres, muitos jovens se conectaram com as imagens. Eles reconheceram os locais retratados, debateram as técnicas fotográficas e discutiram a importância do café na região. Além disso, compartilharam preocupações sobre mudanças desejadas na cidade e expressaram sentimentos sobre despedidas e reflexões sobre a vida.

Com base nas discussões e manifestações deles, tornou-se evidente o impacto que as imagens e a narrativa, assim como a abertura para o diálogo, tiveram, superando nossas expectativas iniciais. Os comentários foram registrados em cartolinas e expostos ao lado das fotos, unindo de forma notável interações verbais e visuais.

Nesse momento, foi interessante perceber que a exposição estava completa em sua composição. As reflexões compartilhadas pelas mulheres, tanto nas fotografias quanto nas legendas, provocaram novas reflexões naqueles que visitaram a exposição e deixaram seus próprios comentários. Isso teve um impacto significativo na comunidade em geral e, especialmente, nas mulheres que participaram, uma vez que puderam ver suas fotos em exibição e ler os comentários que as acompanhavam, criando um ciclo de interação e reflexão.

Resultados e Discussão

Considerando as etapas concluídas desta pesquisa, podemos refletir a partir das discussões realizadas com a implementação do método escolhido (Photovoice). Novas questões surgiram: Será que o processo vivenciado com essas mulheres construiu, de alguma forma, um espaço legítimo de escuta, fala e diálogo? Nosso objetivo era estabelecer um diálogo com esse Outro, em vez de apenas falar sobre ele ou dar voz a ele.

Diferente de Dionizio (2013), cuja pergunta principal está voltada para o campo do jornalismo, expandimos a questão para abranger todos os processos comunicativos. Percebemos, então, que a questão central que surgiu durante nossa pesquisa, na verdade, é: Como podemos estabelecer uma comunicação autêntica com o outro, em vez de uma comunicação meramente sobre o outro ou uma comunicação que apenas dá voz ao outro?

Durante os diálogos sobre as fotos e experiências, não havia uma dinâmica de entrevistador e entrevistado; talvez o meu papel tenha sido o de mediadora do acontecimento, possibilitando que essas trocas pudessem ocorrer. E foi justamente aí que reafirmamos a importância do jornalismo e a questão da alteridade, promovendo um espaço de fala equitativo, a fim de transcender barreiras entre o comunicador, o entrevistado e o público alvo. Assim como ocorre na questão da horizontalidade do diálogo, que Paulo Freire (1968) traz na Pedagogia do Oprimido, a qual implica uma relação igualitária entre educador e educando, no nosso caso, jornalista e fonte, em que ambos se tornam sujeitos ativos no processo de aprendizagem e de comunicação.

Nesse contexto, o diálogo torna-se uma ferramenta essencial para nossa pesquisa. Ele não é apenas uma transmissão de informação e coleta de dados, ele é o processo de troca de experiência e saberes. Com ele conseguimos criar, debater e construir um conhecimento de forma coletiva, além de gerar muitas vezes uma conscientização e o questionamento sobre a sua própria realidade e a do Outro.

Além disso, vale destacar que, de acordo com Fernando Resende (2009), as narrativas jornalísticas, no nosso caso comunicacionais, são lidas e compreendidas como histórias que geram outras. O fato não se encerra nele próprio, ele gera

significado. No exercício da narrativa, ele produz sentido, formando, quem sabe, outros pólos possíveis de compreensão do cotidiano e da vida. Ou seja, o lugar dessas narrativas pode tornar-se espaço de diálogos, trocas de saberes e visões de mundo, lugar onde o eu se constrói em colaboração com outros eus e outros personagens.

Essa foi a experiência que permeou nossa pesquisa. As imagens capturadas pelas mulheres deram origem a novas narrativas quando analisadas e observadas pela comunidade local, desencadeando assim novos diálogos e discussões a partir daquilo que foi apresentado e proposto pela narrativa que elas trouxeram consigo.

Conclusões

Tendo em mente a resistência representada pela agricultura familiar, pelas mulheres e pela vida rural, é evidente que estamos lidando com pessoas que precisam conquistar seus direitos e fazer suas vozes serem ouvidas. É necessário gerar visibilidade sobre suas condições de vida, sustento, saúde e a possibilidade de mudanças, assim como foi feito em nossas discussões na oficina, em nossos encontros online para discutirmos as questões fotografadas e em nossa exposição na cidade. Nosso trabalho buscou justamente dar essa visibilidade ao olhar por meio de uma forma de comunicação que pudesse ser o mais autêntica e diversa possível, promovendo uma narrativa mais inclusiva com essas mulheres. Empoderando-as ao fortalecer suas vozes dentro da comunidade. Em suma, fica evidente que mesmo que não seja possível alcançar uma transformação em sentido de maior amplitude, considero importante ressaltar o impacto da visibilidade deste trabalho para a vida das mulheres envolvidas e da comunidade local que teve acesso ao projeto e ao produto.

REFERÊNCIAS

DIONÍZIO, P. M. Entre mundos: um encontro com o outro na tessitura da narrativa jornalística. **E-Compós**, [S. l.], v. 16, n. 1, 2013. DOI: 10.30962/ec.877. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/877>.

FREIRE, Paulo. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. São Paulo, SP: Paz e Terra, 17a . ed. , 1968. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <
<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/araponga.html> >

LAGO, Cláudia. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do outro no Jornalismo. **Revista Brazilian Journalism Research**. v. 6, n. 1, p.164-178, 2010.

LIMA, Edvaldo. P. Páginas Ampliadas: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Editora Manole, 2009. 9788520442340.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico ocidental. São Paulo: **Abril Cultural**, 1976.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009

WANG, Caroline C. Photovoice: A participatory action research strategy applied to women's health. **Journal of Women's Health**, v. 8, p. 185–192, 1999.

WANG, Caroline C. Youth participation in photovoice as a strategy for community change. **Journal of Community Practice**, v. 14, n. 1–2, p. 147–161, 2006.

WANG, Caroline C.; BURRIS, Mary Ann. Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. **Health Education and Behavior**, Thousand Oaks, CA, v. 24, p. 369–387, 1997.

WANG, Caroline C.; REDWOOD-JONES, Yanique A. Photovoice ethics: perspectives from flint photovoice. **Health Education and Behavior**, Thousand Oaks, CA, v. 28, p. 560–572, 2001.